

UMA POLÊMICA COM SILVIO GALLO A RESPEITO DE "A INSTRUÇÃO INTEGRAL", DE MIKHAIL BAKUNIN

Luciana Ribeiro de Brito

Graduanda em Filosofia pela Universidade
Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP

O filósofo e pedagogo Silvio Gallo é hoje um dos principais expoentes da Pedagogia Libertária no Brasil, elaborador de uma série de trabalhos sobre as temáticas educação e anarquismo. Gallo trabalha uma definição do conceito de anarquismo baseada principalmente nos escritos do historiador canadense George Woodcock, continuador de uma tradição de abordagem histórica formulada por Piotr Kropotkin no início do século XX, centrada em situar a categoria anarquia no desenvolvimento histórico a partir de sua definição etimológica. Além disso, trabalha o anarquismo como "um *princípio gerador* - uma atitude básica - que pode e deve assumir as mais diversas características particulares de acordo com as condições sociais e histórias às quais é submetido" (GALLO, 1990, p. 36).

O autor reconhece o filósofo russo Mikhail Bakunin como um dos principais teóricos da tradição anarquista e importante sistematizador dos princípios da pedagogia libertária. Ainda assim, Bakunin é descrito por Gallo como um "homem de muito pouco método", "voltado aos escritos de propaganda" (GALLO, 1990, p.151).

Acerca de suas propostas educacionais, Gallo compreende que Bakunin estabelece a educação como elemento fundamental do processo de abolição da desigualdade social. Sendo a conscientização das massas essencial para a revolução, a educação deve ser entendida como um dos mais centrais processos de transformação social, pois educar para a liberdade em meio a uma sociedade opressora seria por si só uma ação revolucionária.

Revista Posição

Um aspecto central da educação seria seu potencial de semear entre todos uma nova consciência sobre o mundo e a sociedade, através da popularização de uma ciência de novo tipo que servirá a todos, de modo a construir os pilares da igualdade. Gallo aponta que o limite da proposta de Bakunin reside em sua defesa de que a ciência deva ser produzida com a participação de todos em todas as atividades, inclusive intelectuais. Esse projeto seria plenamente realizável apenas no interior de um modelo de trabalho artesanal, que já no século XIX padecia em decadência e hoje estaria praticamente superado. Para os padrões de produção atuais, ágeis e em larga escala, a ausência da divisão de tarefas se converteria em grave prejuízo.

A grande fragilidade da proposta pedagógica de Bakunin seria o fato de que a radicalização de sua crítica à ciência como ferramenta do setor dominante para perpetuação da desigualdade social o leva, inevitavelmente, à apologia de uma "ciência popular" originada a partir da vivência cotidiana, sem qualquer especialização, uma espécie de apelo a um artesanato absoluto, conduzindo sua defesa radical da distribuição igualitária do conhecimento e da produção ao nível de "uma 'utopia retrógrada', aos moldes do Bom Selvagem de Rousseau" (GALLO, 1990, p.171).

O objetivo do presente texto é demonstrar a fragilidade da argumentação de Silvio Gallo, apontando que suas críticas à Instrução Integral são débeis devido a sua opção pelo abandono do sistema teórico elaborado pelo anarquista russo, no qual a proposta educacional se insere, bem como indicar que a totalidade de sua análise acerca das contribuições de Bakunin não condiz com as elaborações do autor, alicerçada, em realidade, sobre a perspectiva de revisores do anarquismo por ele sistematizado.

O conceito de Instrução Integral é parte de um sistema lógico/teórico totalizante, organizado em torno de certos princípios e métodos de análise particulares que, segundo o próprio Bakunin, são expressão das lutas populares de sua época, fruto de um contexto de agudização da luta de classes na Europa, em especial com as revoluções da década de 40 do século XIX e a experiência da Comuna de Paris. Desta forma, a proposta pedagógica só pode ser perfeitamente apreendida quando inserida no contexto amplo da obra do autor, associada a outros

elementos que são fundamentais para a compreensão de seu sentido completo, como sua defesa do socialismo e do sistema federalista. Isolar partes da filosofia de Bakunin ou ainda generalizar outras é prática comum entre aqueles que se propõem a estudar suas contribuições, atitude que costuma conduzir a interpretações seriamente equivocadas.

A obra de Bakunin encontra-se, de fato, fragmentada e esparsa, mas o desenvolvimento de um método de análise de coerência totalizante e categorias de compreensão do mundo natural e social confere ao russo o mérito da produção de uma filosofia política bastante completa, fundamentada por uma epistemologia anarquista. Suas principais bases teóricas são a Filosofia da ação – assume a ação, o movimento e o próprio trabalho como categorias ontológicas – e a dialética da negação - compreensão de que a realidade se compõe a partir de relações instáveis, de conflito e disputa entre os elementos desta composição em permanente movimento. Seu método é um materialismo de cunho científico, baseado na observação dos fenômenos incorporados à totalidade em que se inserem, considerando sempre as relações de interdependência e multideterminação entre as partes e o todo. O desenvolvimento de um sistema teórico capaz de abarcar desde os fenômenos mais simples da natureza aos mais complexos elementos do meio social e o entendimento da política como realização última da filosofia, garantem a fecundidade das contribuições de Bakunin, que abrangem desde questões ontológicas e epistemológicas até orientações programáticas para a ruptura revolucionária.

No que tange à discussão sobre o papel da ciência e da educação, a interpretação feita por Gallo sobre a proposta de Instrução Integral mostra-se frouxa, incompleta e equivocada. Abandonando os pressupostos metodológicos que orientam a teoria e prática política propostas por Bakunin, Gallo ignora que a Instrução Integral é apenas parte dos fundamentos da teoria revolucionária do anarquista russo. Esse modelo educativo seria a via para a superação da divisão social do trabalho, fundamento da desigualdade social no interior da sociedade capitalista - organizada a partir da separação entre o trabalho intelectual, mais valorizado, e o trabalho manual, depreciado e subordinado ao primeiro -, em que o monopólio do conhecimento é instrumento de coerção nas mãos da burguesia, pois “enquanto houver dois ou vários graus de

instrução para os diferentes estratos da sociedade, haverá necessariamente classes, isto é, privilégios econômicos e políticos para um pequeno número de eleitos, e escravidão e miséria para a maioria” (BAKUNIN, s/d, p.39). A questão educacional está inserida em uma totalidade social, portanto circunscrita à questão geral da necessidade de uma revolução social, e por esse motivo uma educação que aponta para o fim da divisão social do trabalho só pode ser causa e resultante da superação da divisão de classes. “A primeira questão é sua emancipação econômica, que leva necessariamente à sua emancipação política, e pouco depois à sua emancipação intelectual e moral” (BAKUNIN, s/d, p.51) “Que se emancipe primeiro o povo, e ele instruirá a si próprio” (*Ibidem*).

Bakunin é certamente um defensor da sabedoria das massas, fruto de sua condição material de existência, de suas experiências e relações de trabalho, capaz de originar uma consciência coletiva e solidariedade que conformam uma vontade popular, motor dos processos de transformação social rumo a um objetivo comum. O conhecimento acadêmico, longe de servir às necessidades reais das massas, tem origem nos intentos burgueses de governar o povo e, por essa razão, a escola, enquanto reprodutora da ciência dos exploradores, não pode servir como impulsionadora da revolução social. Além disso, Bakunin confere extrema importância ao caráter pedagógico das organizações de trabalhadores e compreende que, no contexto capitalista, a própria luta econômica e política possui papel educativo muito mais legítimo do que as instituições escolares.

Com relação ao argumento da apologia do artesanato absoluto, Bakunin é categórico sobre a questão da necessidade da divisão de tarefas: “No momento da ação, no meio da luta, os papéis dividem-se naturalmente, segundo as aptidões de cada um, apreciados e julgados por toda coletividade [...] Ninguém se eleva acima dos outros, ou se se eleva, não é senão para cair logo a seguir” (BAKUNIN, s/d). Uma salutar distribuição de funções só pode ser viável em uma organização política e econômica em que estejam abolidas as desigualdades, em que o poder resida unicamente na força da coletividade, como expressão fiel e séria da vontade de todos.

Revista Posição

O procedimento teórico assumido por Silvio Gallo, iniciado por Piotr Kropotkin e assumido por diversos continuadores como Elisée Reclus e Errico Malatesta, é reflexo de uma ruptura histórica com as teses de Bakunin no seio da crise de organização política que se abate sobre o movimento de massas pós o fim da Associação Internacional dos Trabalhadores. Trata-se de uma revisão da teoria e prática política anarquista e um rompimento com os postulados teóricos fundamentais do anarquismo materialista, condenando o chamado anarco-comunismo e as demais correntes revisionistas a um abstracionismo romântico e estéril. O idealismo é a origem da perspectiva educacionista assumida por essas correntes, que tacitamente ignoram a situação objetiva da sociedade de classes ao preconizar que a humanidade tende inevitavelmente a organizar-se em torno de modelos cada vez mais harmônicos de colaboração social, portanto as massas são capazes de se mobilizar sem necessidade de articulação e organização, nesse sentido, o papel dos anarquistas seria somente o de contribuir para o desenvolvimento da consciência das massas, educando-as para acelerar a superação fatal da desigualdade. Desse modo, o revisionismo suplanta a centralidade da ação para a transformação da realidade concreta e do trabalho como via para a humanização e conquista da liberdade e acaba por afastar as ideias anarquistas do terreno da luta concreta das massas.

Essa abordagem adotada pelo revisionismo no campo do anarquismo é fundamentada por uma compreensão do conceito que ignora as bases filosóficas, práticas políticas e rupturas que marcam os sujeitos históricos e o próprio anarquismo enquanto movimento social e político. Trata-se de identificar o anarquismo a um punhado de princípios frouxamente estabelecidos e externos aos agentes classificados, pois “é anarquista a pessoa que assume esse princípio básico de vida e de pensamento: a negação da autoridade e afirmação da liberdade” (GALLO, 1990, p.36), o que implica na redução grosseira de um sistema filosófico completo que compreende a relação indissociável entre teoria e prática a uma simples atitude. Esse método ignora completamente o contexto histórico e social do pensamento e da prática dos autores e sujeitos agrupados sob seu imenso leque, evidenciando um procedimento extremamente arbitrário, pois a

Revista Posição

classificação considera exclusivamente os princípios estabelecidos pelos agentes historiográficos em detrimento das propostas dos sujeitos classificados.

É dessa maneira que, através de sua leitura enviesada, Silvio Gallo impõe aos escritos acerca da questão educacional de Bakunin um caráter de romantismo e educacionismo que não correspondem em nada à realidade das elaborações do sistema filosófico e da intensa atuação política do anarquista russo, evidenciando o reflexo das debilidades das concepções e abordagens historiográficas comprometidas assumidas pelo próprio Gallo, que tem sido até hoje um entrave ao estudo histórico do anarquismo, juntamente com os estereótipos caricaturais produzidos pelos setores que o combateram, por reduzi-lo a uma categoria genérica que agrupa arbitrariamente fenômenos completamente distintos entre si, impedindo a caracterização e definição teórica precisa da história concreta do anarquismo e de seus teóricos.

REFERÊNCIAS

BAKUNIN, M. *A Instrução Integral*. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/46632884/instrucao-integral-bakunin>. Acesso em: 05 de fev. 2014.

_____, *Necessidade da Organização*, In *Socialismo e Liberdade*. São Paulo: Coletivo Editorial Luta Libertária, s/d. Disponível em: <http://arquivobakunin.blogspot.com.br/2009/11/necessidade-de-oraganizacao.html>. Acesso em: 05 de fev. 2014

GALLO, S. *Educação anarquista: por uma pedagogia do risco*. São Paulo, 1990. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000028991>. Acesso em: 03 de fev. 2014